



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13405 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

OS ESTUDOS NOS/DOS/COM COTIDIANOS, OS SABERES TRADICIONAIS E A ETNOMATEMÁTICA: RELEITURAS EPSTEMOLÓGICAS INTERCULTURAIS

Denis Viana de Souza - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha - UNESA - Universidade Estácio de Sá

Ana Paula dos Santos Monteiro - UNESA - Universidade Estácio de Sá

**OS ESTUDOS NOS/DOS/COM COTIDIANOS, OS SABERES TRADICIONAIS E A ETNOMATEMÁTICA: RELEITURAS EPSTEMOLÓGICAS INTERCULTURAIS**

## RESUMO

Descreve as reflexões sobre os estudos nos/dos/com os cotidianos pautados nas práticas metodológicas da etnomatemática na Educação Escolar Indígena. A problematização esteve voltada para verificar: “Como os estudos nos/dos/com os cotidianos potencializam as práticas interculturais de ensino e aprendizagem na escola indígena?”. O objetivo geral tem como foco: Analisar aos fundamentos dos estudos nos/dos/com os cotidianos otimizam as práticas metodológicas interculturais da aprendizagem matemática nas escolas indígenas. Tem como método de pesquisa qualitativa fundamentados nos estudos nos/dos/com os cotidianos na educação escolar indígena fomentando o debate sobre o processo de ensino e aprendizagem com foco no ensino da matemática na escola específica e diferenciada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Escolar Indígena, Cotidianos, Educação Intercultural, Ensino da Matemática.

O estudo tem o olhar epistemológico das práticas nos/dos/com os cotidianos na escola indígena. Esta perspectiva buscou mostrar através da abordagem qualitativa a importância das práticas cotidianas como metodologia potencializam os saberes e fazeres na escola, dando

novos significados no processo de ensino e aprendizagem pautados na interculturalidade.

A ideia está em apresentar os fundamentos nos/dos/com os cotidianos pautados nos fundamentos da interculturalidade na educação escolar indígena como forma de contribuir dentro do processo de ensino de matemática. O objetivo do estudo em andamento está em: Analisar como as práticas metodológicas dos estudos nos/dos/com os cotidianos fomentam a aprendizagem matemática nas escolas indígenas compondo a dinâmica da etnomatemática através ensino da geometria escolar.

Fundamenta-se no diálogo sobre as concepções epistemológicas que fomentam novas práticas pedagógicas no cotidiano escolar, tendo como base: Ferraço (2007); Oliveira (2008); Munduruku (2012); Nascimento (2017), RCNEI (1988); Boaventura dos Santos (2007); Krenak (2020); Freire (1996); Alves (2019); D'Ambrósio (2001).

Revisita-se os referenciais teóricos que dialogam com a temática que oportunize ao aluno práticas de aprendizagem significativas, considerando os saberes tradicionais e do cotidiano como ponto de partida para compreensão ao apresentar os conteúdos do currículo formal, visando assim à melhoria da qualidade no ensino na comunidade escolar indígena.

A metodologia utilizada situa-se nos fundamentos da pesquisa qualitativa nos/dos/cotidianos (FERRAÇO, 2007; OLIVEIRA, 2008) que dialogam com as experiências compartilhadas nas práticas sociais e culturais no cotidiano comunitário vivenciados na educação escolar indígena.

Os registros são promovidos pelas observações *in loco*, relatos orais com professores e alunos indígenas, anciões e sábios das comunidades, diário de bordo das experiências vivenciadas, registro fotográfico e roda de conversa. O estudo em andamento tem sido realizado em escolas indígenas da rede Estadual de Ensino, localizadas nas comunidades três comunidades povos Wapichana e Macuxi na Terra Indígena da região da Serra da Lua, municípios do Bonfim e Cantá, no Estado de Roraima.

Os indígenas consideram a escola como um espaço em/de movimento, de resistência e de compartilhamento de saberes nas comunidades, traz para a prática escolar os saberes tradicionais como forma de afirmação, manutenção de seus preceitos identitários e culturais, fomentando as singularidades, subjetividades das comunidades e alteridade no contexto educativo.

Respeitando esses saberes é que o RCNEI (1998) dá um maior direcionamento para as práticas de aprendizagem, considerando os conhecimentos étnicos e culturais de cada povo, e neste sentido, consideramos a etnomatemática se faz mais presente e viva na produção do saber escolar na escola indígena.

Mesmo com o movimento de promoção dos saberes tradicionais no cotidiano escolar indígena, a prática científica eurocêntrica, massificada por sua expansão colonizadora que

ainda se faz potencialmente presente na escola, por esta reproduzir modelos implementados ao longo dos tempos, impõe regras, métodos, separando sujeito e objeto, fez com que grande parte da história da epistemologia, os saberes e conhecimentos promovidos sociedades em grupos minoritários fossem invisibilizados, subjugados, eliminando a subjetividade e conhecimentos, gerando desigualdade e discriminação social devido à sobreposição de poder. (BOAVENTURA, 2020)

A corrida pela produção e interpretação do fazer ciência, estimulada pela ascensão e reconhecimento faz com que muitas vezes o academicismo, forme o professor para construir e reproduzir modelos, o que Krenak (2020) denomina de vícios da modernidade a deformação dos olhares, desconsiderando que é através das/nas relações cotidianas se é possível constituir saberes e produzir conhecimentos.

Contrapondo o sentido de fazer e interpretar ciência fazendo a autocrítica do conhecimento, os estudos nos/dos/com os cotidianos (OLIVEIRA, 2008) surge como possibilidade de romper com a prática reprodutora de ensino e aprendizagem no currículo escolar, pois, possibilita a ressignificação da práxis pedagógica, uma vez que é preciso analisar o que tem provocado o surgimento de novos fenômenos nos espaços educativos.

Os saberes do cotidiano no currículo escolar indígena, passa a ser o condutor do processo de ensino e aprendizagem, estimulando o debate sobre que como aprender matemática? Como a matemática está representada na comunidade? O que é significativo aprender? Que recursos podemos utilizar para estimular a etnomatemática? Como os elementos e símbolos matemáticos locais têm representação e significado? Como a escola movimenta o nosso formar? Os nossos saberes? O nosso conhecimento?

A construção pode ser possibilitada através da “*praticas curriculares cotidianas*” (OLIVEIRA, 2008, p.106), difundidas pela ação docente, promovendo as especificidades, singularidades, a informação, conhecimento formal e social e principalmente de consolidação da identidade e valorização cultural, ou seja, potencializando a expansão dos saberes tradicionais ao dialogar com os saberes universais e científicos.

A etnomatemática vivenciada nas comunidades ocorrem durante a produção de utensílios domésticos através do trançado: darruana, tipiti, paneiro, abanadores, observações da arquitetura e estrutura das casas, do plantio da roça, e principalmente das pinturas corporais produzidas nos momentos de festividades e ritos das comunidades, sendo estes potencializadores da aprendizagem.

Os professores indígenas ao utilizar esses recursos, trazem para a prática pedagógica os elementos do cotidiano da comunidade como fomento do currículo formal da área matemática, percebíamos que os alunos melhor sistematizavam os conceitos da geometria a partir da relação com os objetos do cotidiano, quando era explorado esses conceitos, na produção do trançado e explicação das simbologias do grafismo sempre havia a participação de um sábio que explicava o significação do símbolo e a partir deste contexto, explorava as

formas geométricas planejadas dando maior significação a aprendizagem.

Promover os conteúdos matemáticos vinculados aos saberes do cotidiano faz desafiador por nos estimular a busca por informações locais, compreender suas identidades culturais, particularidades, extraído de suas narrativas (ALVES, 2019) os elementos promotores, interligando as pluralidades, diversidade e circularidade de leitura e visão de mundo do aluno. Ao relacionar as práticas aos conceitos científicos matemáticos à linguagem cultural – Etnomatemática, no qual D’Ambrósio (2001, p. 9) diz que o ensino deve utilizar recursos e instrumentos contextualizados.

Por fim, as estratégias possíveis a serem promovidas para promoção dos saberes tradicionais através do ensino da geometria poderão estar voltadas para: Roda de Conversa; Levantamento de situações problemas e formulação de sistema de hipóteses; Relação das situações significativas aos símbolos e signos matemáticos; Registro das etapas das situações problemas.

Consideramos que os estudos nos/dos/com os cotidianos como fundamento democrático para o ensino e aprendizagem da matemática, tendo os saberes tradicionais como promotor do diálogo e o compartilhamento de saberes do cotidiano na etnomatemática e principalmente por dar maior significação aos conceitos universais e conhecimentos ocidentais tradicionais da matemática fomentados no currículo formal escolar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular nacional para a Escolas Indígenas**. Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas. Esplanada dos Ministérios. – Brasília: MEC/SEF, 1998

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

ALVES, N. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas de hoje**. São Paulo: Cortez, 2019.

FERRAÇO, C. E. **Pesquisa com o cotidiano. Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 98, p 73-95, jan/abril, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a05v2898.pdf>. Acesso em: 20 agosto. 2022.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização Rita Carelli. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

OLIVEIRA, I. B. **Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: os desafios da coerência**. ETD- Educação Temática Digital. Campinas, v 9, n esp, p 162- 184, out 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1050/1065>. Acesso em: 10. maio. 2022

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. – 1. Ed.; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autentica, 2020.

